

JORGE DE MIRANDA JORDÃO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 11/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome é Jorge Antônio de Miranda Jordão, eu nasci em Salvador, embora não conheça, eu vim de lá com dez dias, no dia 14 de agosto de 1932.

Quais eram os nomes e atividades dos seus pais?

Meu pai era atuário da Sul América Capitalização, trabalhava com aquele negócio de Tabela Price, coisa de matemática, atuário é da área de matemática. Minha mãe era dona-de-casa, não fazia nada, só jogava buraco o dia inteiro.

Havia algum envolvimento da sua família com jornalismo?

Eu tinha uma tia que era muito amiga do Samuel Wainer, um dos meus primos era padrinho de um dos filhos do Samuel Wainer. Daí é que veio a relação, a idéia do Samuel, que precisava na época de um repórter que falasse francês e inglês, eu falava inglês e francês, ele disse: "Vem aqui para o jornal para ver se você entra aqui". Eu entrei e comecei fazendo entrevistas na *Revista Flan*, era uma revista que havia do Samuel, era um semanário, eram entrevistas com mulheres de teatro, atrizes e vedetes, foi um tempo muito divertido. E ao lado disso, ele me colocou como repórter no Galeão, recebendo as personalidades que chegavam e que eram estrangeiras, então falavam inglês ou francês. Nessa época eu convivi com Mauro Salles, por exemplo, ele era meu concorrente d'*O Globo*; o Luís Edgar de Andrade era meu concorrente, que está na *TVE - Rede Brasil* hoje, ele era da *Tribuna da Imprensa*. Do Galeão, comecei a ser um repórter da Geral, fazia uma série de reportagens, polícia, fazia tudo que tinha. Com a briga do Lacerda com o Samuel, a reportagem foi muito enxugada, tínhamos que fazer praticamente tudo, praticamente morávamos no jornal. Só para ter uma idéia, quando Getúlio se matou, às oito horas da manhã nós já todos estávamos no jornal... Então, era uma espécie de família, porque nós tínhamos muita raiva de tudo aquilo que acontecia

com o Samuel. Nós gostávamos muito do Samuel, era um excelente patrão, foi o homem que profissionalizou realmente a cobertura. Eu me lembro que depois eu vim a trabalhar com Chateaubriand, nos *Associados*, ele dizia sempre o seguinte: que jornalista, para ele, era um degrau para o serviço público, então os jornalistas quase que não ganhavam nada. O Samuel chegou e impôs uma profissionalização para os jornalistas, hoje o jornalista vive do jornal, não tem mais essa preocupação de entrar em jornal para vir a ser um funcionário público, hoje o jornal dá uma estabilidade, todos os colegas estão aí.

Você tinha quantos anos quando você entrou na *Última Hora*?

Em 1954, eu tinha 22 anos.

E você já pensava em fazer Jornalismo?

Não, foi por acaso, eu estava procurando fazer alguma coisa na vida, aí eu gostei, fiquei e fui aprendendo, evoluí dentro da profissão, com a ajuda de todos aqueles da *Última Hora* que eram os craques, eram os melhores profissionais que havia.

Quem eram?

O diretor era o Paulo Silveira, que é irmão do Joel Silveira, e tinham os colaboradores todos, tinha o Nelson Rodrigues, tinha Stanislaw Ponte Preta, o Antônio Maria... O meu copidesque na época, na época havia um negócio chamado copidesque, que era o redator que reescrevia em certos momentos as matérias dos repórteres, o meu redator, que tomava das minhas matérias era o Alex Viani, que era um homem de cinema. Então ele me ensinava e dizia: "Olha, isso aqui está errado, isso não é assim, não é assado". Havia um aprendizado e foi daí que eu fui evoluindo.

Você falou de *Flan*. *Flan* era vendida separada?

Separada, era uma revista dominical, uma revista grande e a cores, que era rodada também na *Última Hora*. Na época em que eu entrei era onde é hoje o metrô na Presidente Vargas, ali onde hoje é a sede do *Metrô*, perto da Central, ali era a sede da *Última Hora*, tinha sido sede do *Diário Carioca* e depois o Samuel comprou.

Como era a redação, como era o ambiente lá?

[risos] A gente jogava futebol dentro da redação, era engraçadíssimo, tinha de tudo que você podia pensar, era realmente uma turma muito unida, era ótimo, muito divertido, duro, mas divertido, o ambiente era muito sadio, muito companheiro, todo mundo era muito companheiro de todo mundo, eu fiz grandes amigos lá

dentro. Tem gente que até hoje diz: "Ah, eu trabalhei com você na *Última Hora*", eu pergunto: "Qual delas?", porque eu passei por três ou quatro, eu não me lembro, ou lembro, porque eu tenho a impressão que pela minha mão devem ter passado entre repórteres e redatores, pelos meus cálculos foram dois mil profissionais, são 50 anos dirigindo redação...

**Quando você fala "Era duro, mas era divertido", o que era esse lado duro?
Quais eram as dificuldades do jornalismo?**

Não tinha horário, só tinha horário de entrada, não tinha horário de saída, o horário de saída era em função da necessidade do jornal, hoje, eu vi, existem horários, eu acabei de dirigir uma redação de jornal, entra às sete e sai às 14h, deveria sair às 12h, mas tem duas horas extras, uma imposição do Sindicato, aliás, eu acho bom, acho que é um mérito isso, a preocupação de entrar e sair, naquela ocasião nós tínhamos a preocupação de entrar e sair se possível.

Você falou que, em função da briga entre *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, a *Última Hora* já tinha enxugado muito a redação. Então, quando você entra em 1954 na *Última Hora*, ela já está sofrendo o baque?

Ainda não, está começando, foi logo depois que eu entrei, quando houve a crise do Getúlio, aquela história toda do Banco do Brasil, a cidadania do Samuel... O Samuel, depois eu fiquei amigo do Samuel, eu cheguei a morar junto com ele. Quando eu fui dirigir a *Última Hora* em São Paulo, eu morava em uma casa que era alugada para a direção da *Última Hora*, então, quando ele ia para São Paulo, ele ficava morando comigo. Aqui no Rio de Janeiro ele morava na Rua Marechal Mascarenhas de Moraes. E quando eu vinha para o Rio de Janeiro, eu ficava hospedado por ele. Nós tivemos uma relação muito amigável, só que meu primo também era padrinho do filho dele, então havia toda uma facilidade.

Essas coisas começaram um pouco antes de você entrar no jornal, mas o que você lembra da forma como o Samuel Wainer lidou com a CPI, aquelas acusações todas, o problema do empréstimo no Banco do Brasil. Como ele lidou com isso?

Ele se defendia, mas aquilo ali, segundo a história, mais ou menos que eu sei, aquilo tudo, a história foi a seguinte: o Chateaubriand tinha dois repórteres, Samuel Wainer e Carlos Lacerda, quando o Getúlio Vargas estava exilado em São Borja, o Chateaubriand mandou o Samuel entrevistar o Getúlio Vargas, prevendo a volta do Getúlio, com a condição de que o Getúlio equiparia a *Taba Tupi*, que é aquele prédio que tem lá na Rua do Livramento, onde é hoje a sede da *Tupi*, só que

o Samuel era muito esperto e meteu na cabeça do Getúlio que ele, Samuel, deveria ter um jornal, que fizesse o jogo do Getúlio, daí nasceu a idéia da *Última Hora*, e o Chateaubriand nunca perdoou. Aí então começou uma campanha em quase todos os jornais contra o Samuel, isso me foi contado pelo próprio Samuel, e a briga dele com o Carlos Lacerda, uma briga realmente depois pessoal, ele me disse isso, essa história foi desmentida, eu disse isso na televisão, a TVE veio me entrevistar sobre isso, foi desmentido por um sobrinho do Lacerda, mas como o Samuel e o Lacerda, ambos morreram, fica a palavra desse cara contra a minha, mas o Samuel me disse um dia o seguinte: "O que eu não perdôo no Lacerda", porque o Lacerda deu uma manchete na *Tribuna*, naquela época, dizendo: "Se não nasceu no Brasil, não nasceu na Bessarábia, só pode ter nascido de um munturo". Isso aí mexeu com o Samuel, ele me disse: "Esse Lacerda é um safado, porque só ele sabia, eu confidenciei a ele, quando eu morava com ele numa pensão na Lapa. Eu uma vez confidenciei a ele que eu estava preocupado, porque eu não tinha registro de nascimento, ele usou isso, essa foi uma confissão que eu fiz de amigo para amigo". Isso ele não perdoou o Lacerda.

Dentro da redação, como é que vocês viviam aquela disputa entre o Wainer e o Lacerda, entre a *Última Hora* e a *Tribuna da Imprensa*? Em que medida a cobertura que o jornal fazia dos fatos estava totalmente tomada por essa disputa?

O dia inteiro, nós participávamos disso, torcendo pelo lado do Samuel. O Samuel, independente de ser um patrão, ele era um jornalista também, ele era da redação. Ele fazia primeira página, ele editava, ele lia, ele editava o jornal praticamente, tinha seus editores e eu também fui editor dele, mas ele tinha umas passagens muito engraçadas. Quando eu dirigi a *Última Hora*, ele ia ali para o *Sasha's*, para essas boates da vida, de noite, que tinha essa vida mundana, ele me telefonava por volta de meia-noite, naquela época a *Última Hora* era distribuída de bar em bar, rodava uma hora da manhã e era distribuída, o pessoal ia vendendo, então a *Última Hora* chegava no *Sasha's*, ele me telefonava e me perguntava: "Qual é a manchete aí", e eu dizia a ele qual era a manchete: "Trabalhadores vão entrar em greve amanhã", ele dizia de lá: "Esta manchete está uma merda, você tem que dar a seguinte manchete: Trabalhadores vão entrar em greve amanhã". Ele falava isso alto e todo mundo ouvia, quando o jornal chegava todo mundo: "Oh, que sensacional, por telefone, daqui do *Sasha's*, bebendo, ele mudou a manchete", ele tinha essas jogadas, ele dizia qual era e ele falava: "Essa não, põe o seguinte", ele dizia que era a manchete dele, isso era engraçadíssimo, toda noite era isso, quer dizer, quase toda noite, não toda noite, era malandro.

Você que teve tanta convivência com ele, fale mais sobre quem era o Samuel Wainer.

Quem era Samuel Wainer. Era um profissional, um profissional de imprensa. Ele deve ter aprendido muito com Chateaubriand, a malandragem do Samuel deve ter vindo muito do Chateaubriand, que esse sim, esse punha o Roberto Marinho no chinelo.

A *Última Hora* ela é tida também como um dos jornais que trouxe uma modernização editorial nos anos 1950. Que percepção você tinha disso naquela época? A *Última Hora* era de fato diferente dos outros jornais?

Bom, primeiro que o Samuel contratou dois argentinos, o que se chama hoje *designer*, naquela época era diagramador, eram esses argentinos, um se chamava Guevara, que foi quem fez a formulação do jornal, e um outro que trabalhou comigo em Porto Alegre, não me lembro o nome, mas era argentino também, que daqui do Rio foi para Porto Alegre. Então, ele criou um estilo novo de jornal, porque os jornais eram feitos ainda em chumbo e ele conseguiu dar uma visualização gráfica, com as limitações do chumbo, evidente, mas muito avançado, mas com o pessoal da Argentina, o pessoal era do *Clarín*, então, ele fez uma modernização e os jornais todos depois foram obrigados a acompanhar.

Como estava organizada nessa época a redação de um jornal? Mudou muito comparando com o que é hoje?

Não, os nomes mudaram. Você tinha, o secretário de redação seria hoje o editor-chefe. Você tinha um grupo de redatores, que reescreviam as matérias dos repórteres, hoje não existe mais isso, hoje o repórter escreve direto, é por isso que sai muita aberração, outro dia almocei com um cara d'O *Globo* e disse: "Desde quando a Barata Ribeiro faz esquina com a Rua Copacabana?", saiu no *O Globo* isso, falei com o cara do *O Globo*, um dos editores lá. O repórter inventou um acidente de trânsito na esquina da Copacabana com a Barata Ribeiro, ninguém reviu, foi direto, eu vi porque eu sou leitor, hoje eu sou leitor, mas hoje não tem mais esse cuidado, como havia antigamente, de evitar certos tipos de erros, que hoje são bem comuns nos jornais.

Continua a contar como era essa organização.

Havia a reportagem, que era mais ou menos o que é hoje. Tinham os diagramadores, a fotografia, que era muito importante, o Samuel queria usar muita fotografia. Só para você ter uma idéia, naquela época, o *Estado de São Paulo*, o

Estadão, ele só dava na primeira página matérias, ele não dava fotografia, e 90% do material era internacional, o Brasil não existia, não existia para o *Estadão*, depois a coisa foi se modernizando. O Samuel criou o impacto fotográfico, o Chateaubriand tinha criado n' *O Cruzeiro* a imagem do repórter-fotográfico, que era o repórter que saía e fotografava ao mesmo tempo. O Samuel não, ele tinha o repórter e tinha o fotógrafo, mas ambos se ajudavam. Quando o repórter saía, ele dizia ao fotógrafo o que ia fazer, quem ia fazer, quais eram os vícios das pessoas, para ver se flagrava alguma coisa, quer dizer, havia um entrosamento maior, acredito que havia um entrosamento maior do que hoje, é o que eu sinto.

Jordão, você entrou na *Última Hora* antes do suicídio do Getúlio, não é?

Foi.

Hoje a gente sabe de bilhetinhos, por exemplo, que o Getúlio mandava para os seus assessores repassarem ao Wainer, falando sobre as edições, "Olha, essa edição deu muito esporte, essa edição ...".

Nunca soube disso.

Não?

Nunca soube.

Nos arquivos do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas tem alguns desses bilhetes do Getúlio, dando orientações. Talvez tenha sido só no início da *Última Hora*.

Nunca, eu nunca soube. Talvez uma correspondência entre o Samuel e o Getúlio.

Naquele momento em que você está no jornal e que o Getúlio ainda está vivo, era perceptível uma proximidade do Wainer com o Getúlio?

Não, nós não tínhamos essa percepção, ele tinha um cara chamado Luís Costa, que fazia *O Dia do Presidente*, e o Luís Costa conversava muito com o Wainer, conversava também com Getúlio, aí eu não sei, nessa altura eu não tinha acesso a essas coisas.

Como foi a cobertura do suicídio do Getúlio?

Uma multidão na porta do Catete, histeria para todo lado, uma cobertura de enterro como a do Ayrton Senna ou a do Waldick Soriano, que morreu agora, mas foi tocante. E nós demos uma edição extra, me lembro que nós demos uma edição extra, os ônibus paravam na porta da *Última Hora*, os ônibus ali da Avenida Getúlio

Vargas, paravam na porta e todo mundo comprava ali o jornal. Houve uma tiragem, se não me engano, de 400 mil jornais nesse dia, só com aquela primeira página, que foi feita pelo Paulo Silveira, com aquela carta dele e ele com as mãos sujas de petróleo.

Então, enquanto os outros jornais, como a *Tribuna* e *O Globo*, estavam sendo atacados pelo povo, a *Última Hora* nesse dia vendeu jornal “a rodo”?

Vendeu jornal. Foi o contrário do que aconteceu em 31 de março de 1964: enquanto os outros jornais vendiam, a *Última Hora* foi depredada. Essas coisas políticas... isso acontece.

A certa altura, Jordão, você deixa de ser repórter para ir para São Paulo, é isso?

É, eu fui para São Paulo porque o Josimar Moreira de Melo, aliás, ele é pai de um rapaz que é crítico de cozinha hoje da *Folha*, Josimar Melo, filho dele, ele precisava... eu me dava muito bem com ele e ele comigo. Como eu estava muito empenhado dentro daquele negócio de crescer na profissão, ele me levou para São Paulo para ser chefe de reportagem, mas eu falava: “Mas eu vou ser chefe de reportagem numa cidade que eu não conheço?”. Eu tinha ido a São Paulo, mas como que eu ia chefiar a reportagem, ele falou: “Chega lá, pega dois repórteres e fica amigos deles que eles vão te dar a direção”. Aí eu fiquei como chefe de reportagem durante um ano, eu fui a secretário de redação, que equivalia ao editor-chefe, depois o Samuel me transferiu para Porto Alegre, que era o início, em Porto Alegre tinha um outro que voltou para São Paulo, ele fez uma troca.

Como funcionava a *Última Hora* em diferentes cidades?

Havia um negócio lá chamado *copyright*, naquela época era o telex, que era a quarta, eu acho que era a quarta página do jornal ou a sexta, não me lembro agora, era a página editorial do jornal, essa era comum. E as notícias políticas também saíam muito, independente das notícias locais, havia toda uma direção nacional, que era feita pelo Samuel, em função dos interesses dele, do jornal, nós republicávamos lá o que chegava, além da cobertura normal, esse era o esquema do jornal.

Então, essa era a edição nacional da *Última Hora*? Eram essas páginas, é isso?

É, não era edição nacional, não havia edição nacional, eram edições regionais, era uma página que era comum a todas as edições, era uma organização, era uma linha.

Como que você avalia essa experiência da *Última Hora* em várias cidades?

Tinha vida própria, tinha recursos próprios, tinha venda própria, repórteres próprios, eram corporações, máquinas próprias, administrações próprias, tudo comandado, cada um se comandava e todos tinham um contato com a direção nacional, que era o Samuel.

Jordão, você foi para São Paulo com 25 anos de idade.

Acho que era.

Você tinha apenas três anos de profissão. Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou sendo chefe de reportagem?

Não encontrei não, porque um ano depois, eu passei um ano na chefia de reportagem, conhecendo lá o jornal, logo depois eu fui ser secretário da redação, como secretário eu aprendi a fazer a primeira página, eu comecei a fazer a parte interna do jornal. A minha profissão foi sempre de editor de jornal, eu deixei a reportagem, nunca mais fiz reportagem, sempre fui editor de jornal, sempre comandava as redações. Então, eu não tive problema nenhum em ser chefe de reportagem, claro que assumiu um outro, eu comandava o outro, então eu fui fazer a edição do jornal. Eu me lembro que uma vez, outra coisa desse jornal, é engraçada, o jornal estourou lá uma *Cooperativa Habitacional*, haviam uns negócios chamados *Cooperativas Habitacionais*, naquela época, eles andaram vendendo uns terrenos e umas casas, e não entregaram nem os terrenos e nem as casas. Isso pertencia a um filipino, um tailandês, um oriental. A polícia foi lá, tinha fila na porta, todo mundo reclamando, polícia, prende, prenderam o sujeito e depois soltaram, nós estávamos lá, a cobertura estava lá. Eu estava na minha sala quando um nome estranhíssimo, queria falar comigo, então entra um sujeito na minha sala com uma mala e diz assim: "Vocês estavam lá na cooperativa, né?", eu falei: "Estávamos", "Eu sou do dono da cooperativa e essa matéria não pode sair", "Como que não pode sair? Claro que vai sair, lógico e evidente que vai sair", "Não vai sair não", ele colocou uma mala em cima da mesa com dinheiro e disse: "Não vai sair por isso". Eu chamei um contínuo, mandei colocar o cara lá fora, é claro que foi manchete do jornal, virou manchete do jornal, e liguei para o Samuel: "Qual é a manchete?", a manchete é essa: "Cooperativa, polícia estoura cooperativa ...", agora que teve um negócio engraçado, "Veio aqui um cara da cooperativa", e

contei a ele, "Com uma mala de dinheiro", e ele: "O que você fez?", "Mandei o cara daqui pra fora", "Você é burro que dói, você devia ter ficado com a mala e dava na manchete", eu digo: "Aí não, aí também assim, pra mim isso aí não é...", brincando, claro, que não se faz isso. E tinha umas coisas que nós nos reportávamos a ele. Curitiba se reportava a mim, Porto Alegre já era um pouco mais independente se reportava ao Samuel, ou a mim também. E tinha o Norte, em Recife também, Brasília, isso era tudo com o Samuel, Samuel e o *staff* dele, claro.

Como era a questão da ética jornalística nesse momento da imprensa?

Naquela ocasião não existia a indústria dos danos morais, isso é uma indústria, realmente é uma indústria. Só para te dar uma idéia, o Cláudio Humberto, que escreve hoje no *Jornal do Commercio*, que foi assessor do Collor, escrevia n' *O Dia*, ele deu a seguinte nota, uma nota de duas linhas, eu que li a coluna dele e deixei passar, realmente deixei passar, porque eu não vi nada, era "A menor prisão no Brasil é a farda do PM, porque só cabe um". Foram 15 mil processos contra o jornal, feitos por instituições da PM, Associação da PM, que entraram contra o jornal, com o nome de seus associados, que nem sabiam e nem tinham lido, não sabiam o que era, ganharam todas as ações. Isso aconteceu agora há pouco com a *Folha*, com aquela menina.

Da Igreja Universal.

Isso, da Igreja Universal, havia tantas ações que eram marcadas, ações no mesmo momento, no mesmo dia e na mesma hora, em várias cidades, então, *O Dia* foi obrigado a contratar 30 advogados, fora o jornal, que tinha que estar presente para poder ouvir, fora o pessoal dos recursos humanos, que ia para Guararema, ia para Macaé e no mesmo momento tinha que estar em Niterói e tinha que estar no Rio de Janeiro. Era um negócio doido. Naquela época não havia isso, hoje existe essa indústria. Então, a ética, o que é ética? A ética para mim é a boa informação, agora, falta de ética é quem passa a má informação, essa é a falta de ética, a contra-informação, aí é incalculável, como o caso da Escola de Base, por exemplo, foi um caso de má informação.

Naquele momento em que você entrou no jornalismo, em 1954, você acha que era um momento onde os jornais tinham um posicionamento político muito demarcado?

Muito demarcado, era contra ou a favor, direita ou esquerda.

Mas isso também fazia com que se ultrapassasse essa ética jornalística?

Não, aí não tinha, direita e esquerda era uma ideologia, uma coisa, naquela época havia direita e esquerda, hoje não tem direita e esquerda, única coisa de esquerda que pode se existir no mundo é o capitalismo chinês, que é esquerda. O que é isso? As pessoas confundem muito esquerda com direita, totalitarismo com capitalismo, ditadura, ditadura é uma coisa, democracia é outra, capitalismo é uma coisa, comunismo é outra, as pessoas confundem um pouco esse meio de campo.

Por exemplo, no calor daquela disputa entre a *Tribuna da Imprensa* e a *Última Hora*, era possível que um dos dois jornais, às vezes, nessa batalha que era uma batalha política, não era só jornalística, também ultrapassasse questões éticas do jornalismo?

Ultrapassava de uma certa forma, também faziam as chamadas provocações. Eu me lembro que uma vez, quando Lacerda fez o Aterro do Flamengo, o Samuel me chamou, aí eu era repórter ainda, ele me chamou e disse assim: "Esse aterro desse Carlos Lacerda vai afundar. Vai lá no Aterro do Flamengo, pisa no chão", eu digo: "Isso é uma coisa ridícula". "Vai lá e pisa no chão para ver se o negócio não vai afundar". A coisa foi tão ridícula que saiu uma fotografia minha: "O Repórter do *Última Hora* atestando que o chão do Aterro não está suficientemente ...". Eu fiquei danado da vida com eles, que coisa ridícula, na primeira página, eu lá de gravata e paletó, fazendo assim com pé para ver se o Aterro ia afundar ou não, quer dizer, isso podia ser considerado falta de ética.

Jordão, ainda sobre essa experiência de São Paulo, qual era a situação da imprensa paulistana naquele momento e qual era o lugar da *Última Hora* nesse mercado de jornais?

Bom, a *Última Hora* era um jornal que fazia o jogo do governo e os jornais de São Paulo faziam um jogo anti-governo. O jornal tinha o seu sucesso porque ele despertava uma curiosidade em publicar algumas matérias, a *Última Hora* tinha acesso a uma determinada matéria que os outros jornais não tinham porque eram contra, então não eram beneficiados com a informação. Não é como hoje, que tem uma entrevista coletiva e vai todo mundo, no dia seguinte sai tudo aquilo ali igual. Havia uma diferença, havia as matérias de bastidores, as quais a *Última Hora* tinha acesso e os outros jornais não tinham. Então, o jornal tinha o seu sucesso porque as pessoas liam os outros jornais, mas também liam a *Última Hora*, então uma das razões do sucesso foi exatamente esse antagonismo. Tinha o *Estadão*, tinham os jornais do Chateaubriand, que era o *Diário do Noite*, tinha a *Folha*, na época pertencia a um homem chamado José Nabantino Ramos, ele foi deputado, depois

tinha outros jornais menores, tinha *O Dia*, lá em São Paulo, um jornal pequeno. Era isso.

Havia alguma diferença entre a imprensa do Rio de Janeiro e a imprensa de São Paulo no que diz respeito, por exemplo, ao texto jornalístico ou ao comportamento?

Olha, naquela época, quando eu assumi o *Diário Popular* de São Paulo, o jornal vendia 27 mil, eu deixei depois, *O Globo* comprou, agora é *Diário de São Paulo*, eu deixei com 150, 160 mil, aí eu voltei para o Rio de Janeiro, para *O Dia*. Quando eu cheguei em São Paulo, havia um acordo já, que vinha de alguns anos, de que os jornais não publicavam suicídio, como antigamente não se falava a palavra câncer, se dizia "aquela doença", os jornais não publicavam suicídio. Quando eu entrei no *Diário Popular*, eu encontrei não só essa situação, disse: "Vamos acabar com isso, vamos começar a dar suicídio", todo mundo começou a dar suicídio. Como também não se falava em sequestro, porque a vítima era "Se chamar imprensa ou polícia", a família da vítima, "Nós matamos seu irmão, seu tio, seu primo", eu disse: "Vamos acabar com esse negócio de sequestro, tem que avisar sequestro sim". Logo depois foi solta uma moça, que os jornais publicaram, uma médica que estava parede com parede com o barracão ou a casa que ela estava sequestrada, botou o estetoscópio e ouviu a mulher gritando do lado de lá, chamou a polícia, a mulher foi solta, porque ela leu no jornal que havia um sequestro naquela região, disse: "Vamos acabar com isso", aí todo mundo começou a dar sequestro. Uma cunhada do Olacir de Moraes, na época era o rei da soja, uma cunhada, que tinha sido casada com irmão dele, foi sequestrada. Era uma mulher muito bonita, uma mulher de sociedade, eu consegui uma fotografia dela, até por empréstimo na *Última Hora*, na *Última Hora* que já era do Frias, mas eu conhecia todo mundo lá dentro, e dei na primeira página, sequestro e tal, todos os jornais também deram. Aí o Olacir me ligou, eu o conhecia e disse: "Quero avisar a você que essa moça não tem dinheiro, eles querem o meu dinheiro, mas eu não vou dar dinheiro para vagabundo nenhum", eu digo: "Posso publicar isso?", "Pode publicar", eu digo: "Então me manda por fax isso, por escrito" e ele mandou: "Prezado Miranda, não dou dinheiro para vagabundo nenhum". Eu dei na primeira página desse tamanho, a letra dele, e na manchete: "Olacir não paga resgate", soltaram a mulher. Então, tem que quebrar os tabus que haviam, em São Paulo então era cheio de tabus, não tinha suicídio, um sujeito se atira lá do alto, "Não, não aconteceu nada".

Depois desse período em São Paulo, você vai fazer a *Última Hora* em Porto Alegre.

Vou.

E como que foi essa experiência em Porto Alegre?

Bom, lá era o Brizola, que também fazia parte, era do governo vigente, da ordem vigente. Foi muito bom, em Porto Alegre: o nível, a renda, a cabeça... O número de leitores do Rio Grande do Sul, naquela época, era o maior índice de leitura do país, pelo número de habitantes, não havia praticamente gaúchos analfabetos, foi o que eu encontrei lá. Uma das grandes preocupações do Brizola era a alfabetização, e convivi muito bem com eles lá, acompanhei a Rede da Legalidade, até o Bocaiúva Cunha, que era líder do PTB, foi ao jornal, ele também tinha sido da Última Hora, também me conhecia, eu conhecia todo mundo, foi lá ser intermediário do parlamentarismo, eu ajudei na relação dele com o Brizola, que eu conhecia também. Foi um momento político importante.

É um momento político importante, muito intenso, da renúncia do Jânio e a da posse do Jango, até culminar com o golpe militar em 1964. Você estava no jornal *Última Hora*, o Samuel Wainer tinha uma relação de proximidade com o Jango...

Tinha, tinha.

A primeira pergunta é essa, o que você lembra dessa relação de proximidade do Wainer com o Jango?

Eu me lembro de um negócio engraçado. Uma vez eu estava em São Paulo e o Samuel me pediu para ir ao Rio, porque ia ter uma reunião com o Jango na casa dele, do Samuel. E nós éramos: o Moacir Werneck de Castro (que hoje está com 93 anos, eu devo vê-lo amanhã, que é meu grande amigo), o Jango, o Samuel e eu. O Jango, com aquele jeito maluco dele, disse assim: "Estou descobrindo agora porque a *Última Hora* tem o logotipo azul. Porque vocês três têm olhos azuis, então o logotipo da *Última Hora* só poderia ser azul", uma besteira lá qualquer, esse negócio. Era uma relação muito boa, uma conversa muito boa, não havia negócios ali na hora, pelo menos não na minha vista, era conversa sobre o que ele achava ou que não achava. Depois, quando eu dirigi a *Última Hora* em São Paulo, eu convivi com Carvalho Pinto, que era o governador, o Carvalho Pinto depois foi ministro da Fazenda do Jango, e ele me contava que precisava despachar com o Jango sobre o dólar, sobre o *FMI*, sobre a situação monetária, e que o Jango dizia assim: "Oh, Carvalho. Você já liberou a verba daquele prefeito lá de Riacho Fundo?". Ele não queria saber de nada, ele queria saber das cidadezinhas do Rio

Grande do Sul, era a visão que o Carvalho Pinto tinha dele, quando ministro da Fazenda, isso o Carvalho Pinto que me contou.

Nesse período, você se lembra de orientações que o Wainer dava, de como os jornais deveriam cobrir os acontecimentos, se colocar editorialmente?

Havia uma orientação, não é que havia uma regra, mas tudo que vinha do Palácio tinha uma certa prioridade no jornal, porque o jornal era engajado, era engajado no governo Jango, como foi engajado no governo Juscelino, era um jornal engajado, politicamente engajado, porque naquela época ainda havia esse negócio do contra ou a favor, era engajado. Para você ter uma idéia, quando eu dirigi o *Diário Popular*, um dos donos do jornal era o Quércia, depois o Ary de Carvalho saiu, ele vendeu a parte dele para o Quércia, ele ficou aqui no *O Dia*, eu fiquei lá sozinho com o Quércia, um dos acordos que eu tinha com o Quércia, era um acordo para eu ficar lá, porque o Ary queria que eu viesse com ele quando ele vendeu o jornal, foi que eu disse: "Olha, eu não vou fazer o jornal do *PMDB*, eu não faço jornal político, eu vou fazer um jornal para o leitor", e o Quércia concordou com isso. Tem um exemplo, um exemplo que uma vez ele me procurou e disse: "Olha, tem dois vereadores de Diadema que querem dar uma entrevista e fazer umas acusações contra o prefeito de Diadema, que é do *PT*", havia a briga do Quércia com o *PT*, e ele: "Você pode mandar alguém lá?", eu disse: "Posso", aí mandei um repórter para lá. O repórter voltou e me disse o seguinte: "Os vereadores não quiseram nem aparecer, nem dar o nome e disseram o seguinte: que as denúncias que eles fariam, e fizeram, tinham que partir do *Diário Popular*". Eu liguei para o Quércia: "Aconteceu isso, isso, isso", ele disse assim: "Não publica uma linha". Entendeu? O jornal estava numa ascensão, que ele também não tinha interesse nenhum de abrir mão dessa ascensão, pelo menos é a experiência que eu tenho dele. Como a experiência que eu tenho, ainda no *Diário Popular*, do *PT*, que eu digo o *PT* de ontem e o *PT* de hoje, quando a Erundina era prefeita, ela tinha um diretor de *Cooperativa Habitacional da Prefeitura*, que era irmão desse Cícero Sandroni, chamava-se Paulo Sandroni, que tinha trabalhado comigo na *Folha da Tarde* e era o presidente, ele me procurou e disse: "Olha, eu tenho aqui uma relação de 50 e tantos mil nomes de pessoas que eu quero chamar para se reinscreverem e terem direito a casa própria que a Prefeitura está fazendo. Só que essas pessoas eu não consigo, não tem endereço, se mudaram e não avisaram. Eu queria publicar isso no jornal, essa relação", eu digo: "Bom, 55 mil nomes, há de convir que haja papel", ele: "Faz o cálculo do papel e depois você me informa". Fizemos o cálculo lá, ele voltou lá no jornal: "Custa tanto", não me lembro agora a cifra, ele deu um telefonema, falou não sei o que, quando acabou disse: "Está certo, vamos fazer",

eu digo: "Mas não posso fazer de uma vez só, eu tenho que fazer em etapas, porque o volume é muito grande". quando acabou o negócio todo ele virou e falou assim: "Eu quero 20 por cento", eu disse: "Oh, Paulo. Você quer 20 por cento aonde? No exterior, na sua conta pessoal ou em dinheiro? Como você quer os 20 por cento?" e ele disse: "Não, quero um desconto de 20 por cento na fatura da Prefeitura", era o PT de ontem, o PT da Erundina, hoje é um pouco diferente, são os exemplos que eu tenho, eu vivi esse exemplo. Eu encontrei um dia o Paulo Sandroni e disse a ele: "Que diferença, heim, companheiro?", ele disse: "É, não quero colocar a carapuça não, mas isso que está aí hoje, o Collor é jardim de infância, jardim de infância".

Tem o seu retorno ao Rio de Janeiro como diretor da *Última Hora*. Como foi esse retorno ao Rio?

Esse retorno ao Rio foi o seguinte: o Samuel tinha sido chamado para fazer a campanha do Juscelino e ele não podia acumular a campanha do Juscelino com a direção do jornal, então ele me botou como diretor do jornal, ele se licenciou do jornal, pró-forma, claro, e me botou como diretor do jornal aqui, em 1962, 1962? É, o golpe foi em 1964. Não, eu vim em 1963 para cá. Aí fiquei por aqui, trabalhando no jornal, em 1964 ele se licenciou porque ele ia fazer a campanha do Juscelino, aí eu assumi a direção do jornal, eu e o Moacir Werneck de Castro, os dois, ele como chefe de redação e eu como diretor, depois foi o inverso, ele como diretor e eu como chefe de redação. Aí veio o golpe, quando houve o golpe, no dia 31 de março, o Samuel já estava exilado, tinha se exilado, o Jango já tinha ido para o Uruguai, aquele negócio todo, eu disse: "Vamos botar esse jornal, nós somos profissionais, nós não somos políticos, vamos botar o jornal na rua", e tinha lá um tenente, comandando meia dúzia de soldados, e tinha um... dizem, eu não sei se é verdade ou não, que o pessoal do Flavio Cavalcante, oi lá e jogou umas pedras na redação, eu me lembro que eu tinha uma sala, eles quebraram tudo, enfim, mas não quebraram as rotativas, porque as rotativas tinham umas placas, umas chapas de aço, umas portas de aço, eu disse: "Vamos botar esse jornal na rua", e havia meia dúzia de pessoas, "Vamos botar o jornal na rua. Vamos falar com o Samuel para botar o jornal na rua". Fomos botar o jornal na rua. Na época tinha Flavio Rangel, que aderiu, Thereza Cesário Alvim aderiu, era um grupo de dez pessoas, o Moacir aderiu. Um grupo de dez pessoas. Fomos lá para o jornal, cada um fez um negócio, botamos o jornal na rua, com oito páginas ou quatro páginas, o que foi possível, com essa manchete que eu tinha falado para o Samuel: "Vou dar a seguinte manchete: Jango foge para o Uruguai", ele disse que não, e eu: "Não, é isso. Pra botar na rua tem que botar alguma coisa, fazer o quê?" Jango foge para o

Uruguai. Não era mentira e ao mesmo tempo não agride porque a gente não sabe até onde essas caras vão”, era uma coisa que... aí o caras pegaram o jornal, e viram: “É verdade, vamos deixar o jornal aberto”, e a *Última Hora* ficou aberta, aqui foi a única que ficou aberta, todas as outras fecharam, todas. Em São Paulo, o diretor que ficou no meu lugar foi o Jorge Cunha Lima, que depois foi diretor da *TV Cultura* lá em São Paulo, em Porto Alegre o Ary transformou a *Última Hora* em *Zero Hora*, com o apoio dos Sirotsky, que hoje são os donos da *Rede Brasil Sul*, a *Última Hora* aqui do Rio ficou, em Recife fechou, era o [trecho incompreensível] da Fonseca, que depois teve na *Revista Realidade*, aí morreu, a *Última Hora* foi em frente, aos trancos e barrancos, contra o governo constituído, era realmente um negócio, uma sobrevivência difícil.

Nesse momento da manchete: “Jango foge para o Uruguai”, o Samuel estava ...

Exilado.

Na Embaixada do Chile?

Na Embaixada do Chile, eu tenho quase certeza que era, se não era do Chile, era outra embaixada qualquer.

E quando ele se exila na Europa, como é que fica a *Última Hora*, quem fica à frente do jornal?

Danton Jobim. O Danton Jobim tinha sido deputado. E eu e Moacir, ficamos lá, dirigindo o jornal. Danton Jobim ele era considerado o homem do bom senso, então todo dia ele pegava o jornal e dizia: “Isto é arriscado, isto é perigoso...”, eu dizia para o Moacir: “Esse cara aí daqui a pouco vai querer que a gente publique que a primavera surgiu, que as flores nasceram, 35 vaquinhas novas no... Você se entende com ele, porque eu não vou me entender com esse cara não, vou mandar ele para aquele lugar daqui a pouquinho”. O Moacir então passou a se entender com o Danton, o Moacir era todo jeitoso e eu não.

Qual a avaliação que você faz do papel da imprensa nesse período inicial da ditadura?

Foi um pouco facilitado, o papel da imprensa, pelo governo Castelo Branco, não era um governo muito bruto. Não foi realmente. Os outros foram um pouco. Mas na cabeça do Castelo não havia a perpetuação da ditadura pelo tempo que foi, na cabeça dele ele chamaria as eleições. Então, havia uma certa facilidade. Nós fazíamos umas coisas absurdas, o Maurício Azêdo, que hoje é presidente da *ABI*,

ele era meu redator, ele resumia os discursos do Castelo Branco, e havia uma música muito engraçada na época, que era desse Jair Rodrigues, "eu não estou fazendo nada e você também...", era uma música mais ou menos assim, o Castelo vai e faz um discurso, e lá no meio do discurso, ele diz: "Eu não estou fazendo nada", porque havia críticas: "Eu não estou fazendo nada", eu tinha, por sorte, eu tinha uma fotografia do Castelo fazendo o mesmo gesto do Jair Rodrigues, mandei recortar a foto e dei na primeira página: "Castelo: Eu não estou fazendo nada". Quem redigiu isso foi o Maurício de Azêdo, que logo depois foi preso, porque também o pessoal não estava para brincadeira não. Então, havia uma certa liberdade, o jornal foi para rua, não deixou de ir. Eu me lembro que quando eu estava na *Folha*, esse negócio da ditadura, uma vez o Frias, nós éramos sete editores, seis editores, tinha a *Última Hora*, da cidade de Santos, tinha a *Folha da Tarde*, que era eu, tinha a *Folha da Manhã*, *Folha de São Paulo* que era Cláudio Abramo, então, o Frias nos convocou para uma reunião, para que nós tomássemos conhecimento do que podia e não podia em função do AI-5, que tinha sido decretado o AI-5 em dezembro. Então, chegou lá um general, o Frias em uma ponta e o general na outra, com uma bengalinha, ele botou a bengala em cima da mesa e falou: "Meus senhores, eu vim aqui para dar o Decálogo do AI-5", aí começou: "Um – Não se pode falar o nome do ex-presidente Juscelino Kubitschek, nem mesmo se ele for em um batizado; Dois – Não se pode falar na Encíclica; Três – Toda e qualquer informação de atentado terrorista, contra ou a favor, tem que vir do *DOPS*", e foi aí, quando ele chegou no nove, ele disse: "Nove", aí o Cláudio Abramo, que estava sentado do meu lado, me cutucou e disse assim: "Esse general está maluco. É um decálogo, como é que ele dá nove?", eu digo: "Pergunta a ele", ele disse: "Eu não, está maluco? Vou perguntar isso para o general?", o Cláudio Abramo disse assim, aí o Cláudio Abramo chegou a falar: "General, o senhor disse que era um decálogo, mas só tem nove itens, qual é o décimo?", aí o General parou e fez assim: "O Décimo?", pá, "Cumpra-se!", aí acabou a reunião, o general também foi malandro, "Cumpra-se!" e acabou a reunião, foi aí que tivemos que conviver com o AI-5, os censores chegaram.

Jordão, como que foi a sua saída da *Última Hora*?

Eu tive duas saídas da *Última Hora*.

Essa do governo Castelo Branco.

O Samuel estava tentando negociar o passaporte dele, que o exilado fica sem passaporte, então ele pediu que nós diminuíssemos um pouco a intensidade, esse negócio de um pouco, diminuir a intensidade, os ataques poderiam continuar, e

eu... não me sensibilizou aquilo. Então ele chamou o Jânio de Freitas. Ele resolveu botar o Jânio no meu lugar, mas com uma recomendação: que ele não demitisse nem a mim e nem ao Moacir Werneck. O Jânio chegou, conversou comigo, eu digo: "O que eu vou ficar fazendo aqui? Eu era diretor até ontem aqui nessa sala, se você vai ficar com ela, eu vou sentar onde? Nesse banquinho? O que é isso?". Coincidiu que o Frias queria relançar a *Folha da Tarde*, ele me chamou a São Paulo e eu fui, voltei, falei com Jânio e então me deu uma licença sem vencimentos, e eu fui dirigir a *Folha da Tarde*, relançar a *Folha da Tarde* em São Paulo, aí eu deixei a *Última Hora* aqui e fui para São Paulo.

Quando você fala desse relançamento da *Folha da Tarde*, o que tinha sido o jornal antes e qual era a proposta?

Nada, a proposta do Frias, na cabeça dele, que era uma loucura, ele colocou as mãos no suspensório assim e disse: "Está vendo esse segundo andar aqui da *Folha*?", eu disse: "Estou vendo", não tinha nada, eu digo: "Estou vendo, está vazio isso aqui, um salão", e ele: "Eu quero um jornal aqui daqui a dois meses", falei: "Dois meses? Não tem nem máquina de escrever", "Pede tudo que você quiser". Em dois meses nós fizemos o número zero, aí eu tive que fazer, eu botei como chefe de reportagem o Frei Betto, esse Frei Betto aí, e trouxe..., fui arregimentando pessoas, eu tinha estado em São Paulo, tinha gente que eu conhecia, estreamos o número zero e o jornal foi para a rua. Só que o jornal não era..., ele usou a expressão "jornal de esquerda", eu digo: "Que maluquice, jornal de esquerda em plena ditadura", e ele: "Não, não é esquerda, é um jornal popular, é um jornal que atenda aos anseios da juventude", só que a juventude estava toda de saco cheio daquele negócio, então tinha a cavalaria contra estudantes na rua, tinha atentados, tinha tudo lá, tinha o pessoal da *ALN*, os clandestinos todos, tanto que depois que eu sai da *Folha*, em Santos mataram um redator meu. Eu fui preso, uma porção de gente foi presa, porque a redação era uma redação, era o que o Frias queria, até o dia que ele me tirou, aí passou a ser outra redação.

Quem fazia parte da sua equipe na *Folha da Tarde*?

Frei Betto, chefe de reportagem. Eu levei daqui do Rio o João Ribeiro da Silva e o Ubiratan Solina. O Paulo Sandroni, fazia a parte de Economia, Ciro Queiroz, que era ligado muito ligado ao Roberto Carlos que era o editor do Segundo Caderno. Rose, uma menina que eu acho que hoje ela faz cinema, não sei, não me lembro agora o nome dela. Um diagramador que eu tinha aqui no Rio, Penafiel, Carlos Penafiel, Eram 50 pessoas.

Quando que vocês lançam o jornal?

Em 1967.

O que era o primeiro número?

A morte do Che Guevara, o cadáver dele. "O que é isso?", "Número zero é isso, um jornal de esquerda, o número zero". O Che Guevara foi a marca de ferro: "É isso?", eu digo: "É isso! Vamos em frente!".

E qual foi a repercussão do primeiro número?

Bom, foi o número zero, número zero não é o primeiro número, o número zero circulou em agências e todo mundo..., o Frias: "Pô, o pessoal aí está assustado", eu digo: "Me chamou para isso", da mesma maneira que ele me chamou para isso, ele me tirou por aquilo, eu acho, ele não me disse, depois eu estive com ele e eu não toquei no assunto, ele também não tocou, mas eu entendi e ele também entendeu, porque eu tinha ido preso então..., fui ver o Frias, ele me chamou lá, ele queria saber de coisas, queria saber o que tinha acontecido lá dentro, falei: "Ah, você quer saber?", aí eu disse a ele que me perguntaram muito sobre como era *Folha* e como não era, qual era a orientação que a gente tinha, "O que você disse?", "Eu disse que não tinha nenhuma", e ele: "Ainda bem".

Como que foi a circunstância da sua prisão?

Pois é, eu estava na *Folha*, o Frias me tirou, eu tinha uns amigos que estavam envolvidos em ações, um desses amigos, até agora não sei por que cargas d'água, ele resolveu citar o meu nome, foi preso e citou meu nome, aí a polícia invadiu meu apartamento aqui na Rua General Glicério e eu fugi, fugi para o Uruguai. Cheguei no Uruguai, dei um telefonema, esse telefonema foi interceptado, às seis horas da manhã me tiraram do hotel, fiquei preso três dias no Uruguai, eu fui o segundo preso político, o outro foi um professor da *USP*, eu fui o segundo preso político, eu fui passado pela fronteira. Enquanto isso o *Jornal do Brasil* aqui publicava que eu tinha furado um cerco à bala em Salvador, que era para confundir, a contra-informação. Aí eu fiquei preso aqui, fiquei preso no Rio Grande do Sul, aqui na PE do Exército, depois eu sai e fui procurar o Samuel.

Você foi interrogado sobre a atuação da *Folha de São Paulo*?

É, porque quando eu estava na *Folha*, por exemplo, quando houve congresso [da UNE] em Ibiúna, nós soubemos antes que o pessoal da repressão ia dar uma batida em Ibiúna, então nós despachamos um carro da *Folha* para avisar lá em Ibiúna que o pessoal estava chegando, e os caras disseram "Dane-se", foi tudo em cana, o

José Dirceu, o Vladimir Palmeira... Era "Dane-se", quer dizer, o negócio era meio irresponsável na época... Nós tínhamos todas as informações, não se podia publicar, mas a gente sabia, a gente acompanhava as coisas. Então eles perguntavam como que era o negócio, claro que eu jamais diria isso, eu jamais disse isso, no interrogatório não se brinca com essas coisas. Eram atitudes que nós da *Folha* tomávamos e que devem ter refletido nos interesses do Frias.

Foi a sua atuação jornalística que motivou a sua prisão?

Não, me perguntavam muito sobre a minha atuação jornalística, como eu sempre dirigi jornais ligados ao governo deposto, então eles queriam saber como era e como não era, mas a minha prisão não foi em função disso, acho eu, deve ter colaborado, mas foi em função do amigo meu que falou meu nome.

Você tinha alguma militância, alguma relação com partidos, grupos de esquerda?

Não.

Nenhuma?

[risos] Quer que eu lhe diga em segredo?

Essa é a hora de revelar os segredos.

Não, eu não tinha não. Eu nunca tive um codinome, se é isso que você quer saber, eu nunca tive codinome. [risos]

Jordão, você chegou a sofrer tortura na sua prisão?

Tortura psicológica, alguma coisinha ou outra.

E o que aconteceu?

Nada que tivesse deixado aleijado, sem um braço, como muita gente até hoje ainda tem seqüelas.

E quando você sai da prisão, o que acontece?

Pois é, eu acabei processado, e quando eu fui solto (porque eu fiquei na PE do Exército aí 40 dias), o coronel me disse (eles tinham a minha ficha toda): "Agora você procura lá o pessoal da *Última Hora* e volta ao trabalho, vai lá e volta ao trabalho, você é um cidadão, está sendo processado, mas é um cidadão, está em liberdade". No dia seguinte que ele me disse isso, eu fui procurar o Samuel que a essa altura já estava aqui: "O coronel me mandou", e ele: "Ah, mas eu não posso

ficar com você". "Então como é que faz?". E tivemos uma conversa amistosa e tal, e ele: "Então eu vou te demitir", "Está legal, pode me demitir". Só que eles não tinham dinheiro para pagar a minha indenização, eu tinha 14 anos de *Última Hora*, aí eu me lembro que eu negocieei lá com um sobrinho dele, que era o diretor financeiro do jornal. Eu recebi como indenização ar-condicionado e carpete, e geladeira, eu acho... tudo bem. Quebrei cabeça por aí e fui trabalhar numa agência de publicidade pequena. E aí pintavam umas contas, eu atendia, eu fiquei alguns anos sem trabalhar em jornal... Procurei a *Manchete*, procurei *O Globo*: "Ah, não tem, é complicado"... por que foi muito badalado o meu negócio, foi muito badalado, e isso marca, estava ainda em plena vigência do AI-5, aí complicava mais ainda. Depois, quando o Ary estava na *Última Hora*, quando houve o início da distensão do Geisel, disse: "Agora você pode voltar ao trabalho". Aí eu voltei.

Que ano foi isso?

Em 1977, eu acho.

Você volta para a *Última Hora* aqui do Rio de Janeiro, então já comandada pelo Ary de Carvalho?

Isso.

E o que tinha acontecido com a *Última Hora* nesse ínterim?

Nada, estava na mão do Ary. Ele estava tocando a *Última Hora*, mas já não era a *Última Hora* do Samuel, era a *Última Hora* do Ary.

E como que era então o jornal na mão do Ary Carvalho?

Era um jornal liberal, mas também apolítico, não tinha muita importância não, quer dizer, importância política, teve importância política lá no Sul, quando ele fez a *Zero Hora*, aí sim, aí foi um trabalho fantástico, depois ele teve uma briga lá com o Sirotsky, negócio de banco, financiamento de banco e tal, ele veio para o Rio, aqui que ele pegou a *Última Hora*, que na época estava mão dos chamados Irmãos Bobagem, que eram o Marcelo, o Maurício e o Mário Alencar.

Você chega então na *Última Hora* para assumir que posição?

Direção. Eu era o segundo abaixo do Ary, senão não havia motivo nenhum, ele queria que eu fosse, ele aprendeu tudo comigo, então: "Já que o cara ensinou, bota aqui". Isso me lembra uma vez, o Samuel no auge da luta contra o Lacerda, havia uma coluna na *Tribuna da Imprensa* que era feita por um sujeito chamado Medeiros Lima, que metia o pau no Samuel toda vez era o porta-voz. Eu fui jantar

com Samuel um dia e ele disse: "Você não se assusta, mas eu vou trazer para cá o Medeiros Lima", e eu disse: "Ah, mas não vai mesmo. Esse cara te esculhamba", e ele: "Exatamente, aqui dentro ele não vai poder me esculhambar", aí ele botou o Medeiros Lima lá no jornal, é um pouco engenhoso o negócio, e trouxe o Medeiros Lima.

Quais eram o público e a tiragem da *Última Hora* nesse momento?

A *Última Hora* sempre teve tiragem de 60, 80 mil...

Como você avalia essa sua fase na direção da *Última Hora*, com Ary de Carvalho? Como foi sua experiência na direção da *Última Hora*?

A mesma que eu já tinha de outras direções, continuei fazendo aquilo que eu sei, eu só sei fazer uma coisa, só podia fazer aquilo.

Mas e o desempenho do jornal, como que foi naquele momento?

Foi normal, continuou crescendo, vendendo. Eu me lembro que houve um momento em que a *Última Hora* tinha baixado um pouco de venda, eu tinha um redator-chefe chamado Paulo Galante, eu dizia para ele: "A gente tem criar alguma coisa, criar alguma coisa". Aí um dia um fotógrafo meu foi fazer um homicídio lá não sei onde, numa favela aí qualquer, tinha, grudado ao lado do corpo, tinha um cartaz escrito assim: "Mão Branca não perdoa". Quando eu vi a fotografia, disse: "Galante, vamos embarcar nessa do Mão Branca? Vamos criar o Mão Branca?", e criou-se o Mão Branca, era impressionante, porque o Mão Branca dizia assim, nós fazíamos a manchete às quatro da tarde, "Vamos fazer a manchete hoje para Laranjeiras", "Mão Branca avisa: todos os porteiros dentro dos prédios", eu mandava correr, tudo fechado, e a coisa foi tomando tal vulto que as pessoas pediam a presença do Mão Branca, era um negócio impressionante, a redação, todo mundo telefonando: "Ah, queremos o Mão Branca na rua tal. Tem marginal aqui", eu pensava "Esse negócio, vai dar uma confusão isso aí". O Chagas Freitas, que estava no *O Dia* começou a implicar com o Mão Branca, dizendo que ele não existia, até que tinha um general que era o Secretário de Segurança, um imbecil qualquer, que resolve dar a seguinte declaração numa entrevista coletiva: "Vou mandar prender o Mão Branca", eu digo: "Tá aí, agora validou, se ele vai mandar prender o Mão Branca", e no dia seguinte o Mão Branca respondeu: "Ele tem que prender bandido e não a mim", e aí ficou a briga entre o general e o Mão Branca, uma coisa que não existia, era feito ali, a *Última Hora* subiu de novo.

A *Última Hora* criou o Mão Branca?

Criou o Mão Branca. Havia realmente um esquadrão da morte, isso havia. E engraçado que nessa ocasião o Moacir Werneck de Castro escrevia no jornal sobre o pseudônimo de Miguel Neiva, e um dia ele me telefonou e disse assim: "Olha aqui, não escrevo mais nesse jornal", e eu: "O que é isso, cara?", "Não escrevo. Você sabe o que é Mão Branca?", eu falei: "Mão Branca é um cara aí", e ele disse: "Não, o Mão Branca é La Mano Blanca, que era braço direito do Pinochet na ditadura do Chile, e que executava os inimigos do regime. Eu não vou trabalhar mais aí", ele não escreveu mais, ele brigou comigo uns seis meses, impressionante isso.

Jordão, você falou não só da criação do Mão Branca, mas você citou o esquadrão da morte, que é algo que também marca a década de 1970, não é?

Era o pessoal do 15º Batalhão de PM, um major lá, o nome do major não me lembro, daí para cá que começou realmente um período de violência.

E hoje essa é uma questão importante no jornalismo carioca: a cobertura da violência.

Tudo com coletes a prova de bala. *O Dia* hoje tem quatro carros blindados, nunca se pensou nisso.

Como era naquele tempo?

Naquele tempo, a bandidagem tinha o mínimo de respeito pela polícia, tinha um mínimo de respeito pelos jornais, agora hoje, com a deterioração da instituição, deteriorou a instituição, lá embaixo deteriora também, se o coronel rouba, o major rouba, o capitão rouba, o soldado também rouba, o soldado que está lá na esquina apitando no trânsito, se lá em cima ninguém roubar, lá embaixo ninguém rouba. Um dos governos mais austeros que houve aqui foi o do Jânio Quadros, onde os servidores públicos todos eles trabalhavam, o Jânio era aquela coisa, eu me lembro que eu estava em São Paulo quando o Jânio era prefeito e ele dava batidas, chegava na polícia de madrugada, chegava com aquele sobretudo, ia lá na polícia, ele não parava, quer dizer, ia fiscalizar a coisa, coisa que ele era responsável por isso, hoje ninguém fiscaliza nada, nada, hoje falam corrupção, não é corrupção, é roubalheira mesmo, é caso de camburão *Delegacia de Roubos e Furtos*. Agora o povo vê, não tem escola, não tem saúde, não tem nada, eles vêem os caras roubando lá em cima, por que eles não vão roubar também? Isso é lógico, o exemplo vem de cima, quando em cima não dá o exemplo, embaixo não tem jeito.

E isso acaba tendo impacto na cobertura.

Claro.

O *Dia* já não entra mais em comunidade?

Claro, *O Dia* teve três repórteres torturados na favela, estão sumidos até hoje os três, não sei, tiveram que tirar os caras daqui, o pessoal do *O Dia* está apavorado, tem ameaça, tem tudo, tem um carro de polícia na porta d'*O Dia*, eu estive lá agora, dez dias atrás e tinha um carro de polícia na porta. Que isso?

Jordão, você falou que no episódio do Mão Branca, o Chagas Freitas começou a dizer que o Mão Branca não existia. Como era a disputa entre *O Dia* e a *Última Hora*?

[risos] Não, era uma disputa editorial apenas, nós com o Mão Branca e ele ali, a gente dizia que era o Mão Branca que tinha matado um cara e eles diziam que o cara tinha sido morto por outro, aí ficou uma coisa meio estranha, até que o Ary de Carvalho estava nos Estados Unidos, eu estava vendo que o negócio do Mão Branca estava começando a criar um problema, aí eu resolvi acabar com o Mão Branca, o Mão Branca iria se aposentar, dei a manchete: "Vou me aposentar, pois não aguento mais...". Aí o Ary volta dos Estados Unidos e diz assim: "Cadê o Mão Branca?", "Aposentei o Mão Branca", e ele: "Você está maluco de aposentar o Mão Branca? Tem que tocar isso para frente", "Agora o Mão Branca se aposentou", aí tivemos que fazer um outro tipo de jornal, sem o Mão Branca, era fácil fazer jornal, às quatro horas da tarde: "O que vai ser amanhã?", porque tinha diálogo, o "Mão Branca" telefonava para o jornal e dizia: "Atrás da caixa do correio da Rua Haddock Lobo, na esquina não sei de que tem a fotografia dos caras que eu vou matar amanhã", e aí a gente pegava as fotografias, quer dizer, as fotografias vinham aqui direto para o jornal, eram de caras que estavam presos e que realmente apareciam mortos, era o esquadrão da morte, aí eu disse: "Isso vai complicar, vai acabar complicando isso", aí eu resolvi acabar com o Mão Branca.

Como é que se deu a compra d'*O Dia* pelo Ary de Carvalho?

Não, eu não acompanhei a compra, eu só soube que o intermediário da compra foi o José Luis Magalhães Lins, porque o Chagas estava cansado e os filhos estavam... não sei também qual era a relação também deles, isso eu não acompanhei. Eu sei que o Ary me ligou um dia e disse assim: "Comprei *O Dia*". Essas coisas a gente não fala muito, eu não acompanhei realmente, a tratativa eu não acompanhei.

Isso teve algum impacto sobre a *Última Hora*? Como o Ary de Carvalho lidou com os dois jornais?

Não, ele fez o seguinte: ele levou toda a diretoria da *Última Hora* para a Rua do Riachuelo e eu fiquei na *Última Hora* tomando conta da redação e do industrial, porque naquela época a *Última Hora* fazia uns jornais para terceiros, nós tínhamos mais de 50 clientes, eu tomava conta dessas contas todas, então eu passei a tomar conta da redação e do industrial, já o comercial ficou na área d'*O Dia* com um diretor lá.

Por que você saiu da *Última Hora*?

Porque eu fui para o *Diário Popular*, o Ary comprou o *Diário Popular*, ele queria que eu ficasse n'*O Dia*, e eu disse: "Não fico no *O Dia*", eu tinha horror ao *O Dia*.

Por quê?

Não sei, desde os tempos do Samuel, horror ao *O Dia*, nunca quis saber d'*O Dia*.

Você atribui isso, talvez, ao chaguismo d'*O Dia*?

Não sei. Eu não gostava do jornal não. Até hoje, quando o Ary morreu, eu escrevi um negócio lá... Engraçado que depois eu acabei n'*O Dia*. Eu tinha horror ao *O Dia*. Na *Última Hora*, a primeira conversa que eu tive com o Samuel Wainer foi essa, que ele precisava dar um pequeno *upgrade* na reportagem da *Última Hora* e, como eu falava francês e inglês, ele podia, tanto que ele tinha um grande concorrente que era *O Dia*, aquilo ficou na minha cabeça e eu comecei a ter horror ao *O Dia*.

Nessa época do Ary de Carvalho, onde era a *Última Hora*?

Na Rua do Equador, ao lado da rodoviária.

E como acontece depois, ainda nas mãos do Ary de Carvalho, o fechamento da *Última Hora*?

Ele arrendou ou vendeu, eu não sei, porque o Ary era meio misterioso nessas coisas, ele arrendou ou vendeu para alguns baianos, aí os baianos não pagaram os fornecedores, eu não sei, os baianos é que fecharam o jornal, não foi o Ary não, ele deixou de circular...

Qual foi a sua sensação com o fim da *Última Hora*?

Nenhuma, porque eu já estava em outro, eu sou pragmático, eu já estava fazendo outra coisa, eu estava pegando um outro jornal com 27 mil que eu larguei em 150 mil, fiquei nove anos lá, de modo que para mim não fez falta nenhuma.

Não tinha nenhuma relação sentimental?

Não, nesse ponto eu não tenho, não tenho essas coisas não, só tenho relações sentimentais com as mulheres, com jornal nunca. [risos]

A gente conversa com algumas pessoas, por exemplo, que passaram pelo *Correio da Manhã* e que tiram algumas lições, até algumas análises sobre a vida e a morte do *Correio da Manhã*, e atribuem a uma série de circunstâncias ao fim do jornal.

Um das circunstâncias foi política. Quando foi dado o golpe militar, o *Correio da Manhã* apoiava o golpe, mas no fim de um mês ou 15 dias, não me lembro agora a data, ele fez um editorial na primeira página chamado "Basta!", era sobre as arbitrariedades, aí voltou-se contra, ele tomou uma posição política contra. Agora, tomar uma posição política num regime de recessão é dose, o regime não permite isso não, não brinca em serviço, os milicos não brincavam em serviço, não brincavam mesmo, eles não queriam nem saber.

Da mesma forma que tem gente que acha que o *Correio da Manhã* começou a morrer com o golpe militar, você também acha isso da *Última Hora*?

Acho, acho também. E o *Diário de Notícias* também, os jornais do Chateaubriand, aí realmente começou a subir *O Globo*, porque havia nitidamente uma... Porque veja bem, se você fizer uma curva, quem patrocinou o golpe? Foram os americanos; nessa época *O Globo* tinha uma relação com a *Time-Life*, tinha uma ligação. O que era o *Time-Life*? De onde é o *Time-Life*? Então se você pensar, você vai fechando. *O Globo* depois se desvencilhou do *Time-Life* e até superou o *Time-Life*, hoje a *Globo* é uma das melhores televisões no mundo, foi se superando, aí não precisava mais da *Time-Life* hoje, está bem mais independente, mas na época não, então você vê que a coisa ... fecha o circuito.

Na década de 1970, em pleno processo já de distensão política, no governo Geisel, morre um jornalista que é o Vladimir Herzog. Qual é a sua lembrança do impacto que a morte do Herzog teve, qual a leitura política que você tem da morte de um jornalista já no processo de distensão?

Para mim não teve impacto nenhum porque eu conhecia outros jornalistas que tinham morrido também. Para mim pessoalmente. Agora é claro que deram uma dimensão ao caso do Vladimir Herzog, quem deu a dimensão no caso dele foi o Geisel, que mandou demitir o general lá de São Paulo, se ele não demite o general de São Paulo não tinha a dimensão. A dimensão é dada pelo poder constituído, o

poder constituído demitiu o cara, ou seja, admitiu a culpa, admitiu a culpa, com isso, o clamor aumentou.

Em 1983 você volta a São Paulo e vai para o *Diário Popular*. Qual era o projeto de Ary de Carvalho para o *Diário Popular*?

Era de modernizar o jornal. Quando nós chegamos lá, o Ary e eu, o *Diário Popular* tinha, era um jornal que tinha um caderno, e tinha um outro jornal chamado *Popular da Tarde*, que era um jornal de esportes, só que o *Diário Popular* tinha também um pouco de esportes e o *Popular da Tarde* também tinha um pouco de *Diário Popular*. Eu disse para o Ary: "Que aberração ter esses dois jornais. Vamos fazer um grande jornal, um *Diário Popular* com três cadernos: o primeiro, Variedades e o de Esporte. Vamos botar na rua isso. Então fechamos o outro jornal e fizemos o *Diário Popular*, no chumbo ainda, com chumbo, não tinha *Off-set* ainda, aí depois foi se modernizando o jornal. Eu passei nove anos lá, nunca se fez uma promoção, nenhuma, a única promoção do jornal era o seguinte, um dia eu estava jantando em um restaurante, em São Paulo, lá perto do jornal e eu ouvi um grupo de homens dizendo assim: "A gente tem que sair do Jóquei mais cedo, porque para vir jantar aqui e depois não chegar em casa de madrugada", aquilo me bateu assim: "Espera aí. Está aí o filão". No dia seguinte eu tomei a decisão seguinte: "O horário de fechamento do *Diário Popular* vai ser quando correr o último páreo do Jóquei", e dava todos os resultados do *Jóquei*, inclusive o último páreo. Um dia faltou luz no *Jóquei*, e eu disse: "Não sai o jornal", depois voltou a luz, aí nesse dia o jornal atrasou, todos em cima de mim: "Atrasou!", e eu digo: "Não me interessa", estava ali, fiel. Naquela época o Jóquei Clube era frequentado por umas cinco ou seis mil pessoas, que foram consequentemente lá no *Diário Popular* de manhã para saber os resultados dos páreos, que eles não tinham conseguido de noite, pequenas coisas assim. Informação, não podia no *Diário Popular*, erro de informação eu não aceitava, não aceitava, acabei com "cerca de", tudo é "cerca de", até que um cara escreveu assim: "Cerca de 8488 pessoas...", aí eu disse "Peraí, vem cá. Cerca de 80 mil? Oito e meia ou sete e meia pessoas? "Cerca de", como que é?", aí proibi o "cerca de". Um outro escreveu: "Ônibus virou na estrada e apenas sete passageiros se salvaram", eu disse: "Vem cá, você estava querendo que morressem os 43? Não tem que ter esse apenas", pequenas coisas assim de ajustamento, entende? Aí eu fiz isso aqui no *O Dia* também. Um dia, eu fiz aqui no *O Dia*, logo que eu disse para a redação aqui, eu peguei um jornal e sublinhei, passei por cima de todas as palavras que eu achava que não haviam, que não precisava ter, deu quase uma coluna, não precisava escrever aquilo. Um dia um cara escreveu "confluência", eu disse: "Espera aí, vem cá. Você tem namorada?" e

ele: "O quê?", eu: "Tem namorada?", "Tenho", "Você marca encontro com ela na confluência das ruas tais e tais?", "Não", "Você marca onde?", o cara: "Na esquina", "Porra, então escreve esquina". Coisas assim, que os caras, hábitos que não sei de onde vêm, isso eu fui fazendo, fui fazendo, fui fazendo e o jornal foi indo.

Jordão, quando você chega no *Diário Popular* qual era a tiragem?

27 mil.

E sobe para quanto?

150, 160 mil.

Não foi a primeira experiência e também não foi a última, em que você, como diretor de jornal, conseguiu levantar a tiragem. Você atribui isso a quê? A uma visão que você tem do que é interessante para o leitor?

É, você dá ao leitor o que ele quer, dá de uma forma certa. Uma vez, eu estava na *Última Hora*, houve um incêndio aqui na Rua Senador Dantas, onde a Lucila mora, no 159, houve um incêndio até onde as mulheres pulavam lá de cima para fugir do fogo e tal. Eu liguei para ela e disse assim: "Lucila, esse incêndio aí que está acontecendo?", estava comendo o incêndio, "Esse incêndio na Senador", "Ihhh, é aqui ao lado". Quando o repórter chega, ele dá o incêndio com o número 162, o dela é 159, é aqui ao lado, como que pode ser 162? Não era 162, era 161. Isso é o tipo de informação que o jornal não pode dar, porque os moradores vão dizer: "Pô, se esse jornal não acerta nem o número da rua". Uma vez, no *Diário Popular*, o Maluf gostava muito do *Diário Popular*, a gente dava tudo sobre a Prefeitura, tinha uma briga entre ele e os proprietários de algumas ruas, ele queria assinar um Decreto obrigando os proprietários a tomarem conta das suas calçadas, aliás, esse Decreto existe aqui no Rio de Janeiro, obriga os proprietários, então ele marcou uma reunião com Associação de Moradores, uma reunião lá, eu tinha uma repórter lá que cobria a Prefeitura. Ela volta, entrega a matéria, o jornal publica: "Prefeito Paulo Maluf assinou ontem um Decreto obrigando os moradores...". Na *Folha* e no *Estadão* saiu o seguinte: "Prefeito Paulo Maluf recusou-se a assinar o negócio, o tal Decreto, discutiu com os moradores ...", contava detalhes. Aí eu liguei para o Maluf: "Maluf, está um negócio esquisito..." e ele: "Ah é, joguei a minha caneta na cara deles, esses patifes que não queriam aceitar o meu Decreto", aí chamei a repórter, o que aconteceu? Claro que ela foi para rua, ela foi demitida no ato. A Prefeitura deu um *release* para todos os repórteres antes do ato, ela pegou o *release* e foi fazer não sei o que, chegou no jornal e escreveu o *release*, que é uma das pragas do jornalismo, porque hoje, se você pegar a grande maioria das

colunas, tem muita coisa que é *release*, você vê o mesmo texto em dois ou três lugares diferentes, quando que o *release* deveria ser apenas uma pauta, uma pauta avisando que vai acontecer isso, não avisando, pode dar a notícia, depois o cara pega aquilo ali e desenvolve, "Vai cobrir ou não vai?", aí eu demiti a repórter, não teve jeito, ela leu o *release* e publicou o *release*, trouxe o *release* "Prefeito Paulo Maluf assinou ontem ...", então a gente tomava muito cuidado com isso, no *Diário Popular*, e o jornal foi indo.

Jordão, a gente vai falar agora sobre um dos casos mais conhecidos e notórios da história recente da imprensa brasileira, que é o caso da *Escola Base*. Eu gostaria que você começasse dizendo o que foi esse caso, como ele começa, como a grande imprensa cobriu a *Escola Base* e qual foi o papel do *Diário Popular* nesse acontecimento.

Eu sempre disse que a grande reportagem que um editor de jornal deve fazer é junto aos seus repórteres. Quando o cara chega com a matéria, você lê a matéria, você chama o cara e diz assim: "E isso aqui, como que é isso, como que não é aquilo?". Nós tínhamos um delegado que nós tínhamos feito uma matéria contra ele, então quando o meu editor de Polícia me trouxe esse negócio da *Escola de Base*, eu li a matéria, eu chamei o editor de Polícia e chamei o repórter, eu fiz uma série de perguntas a ele, ao repórter, "Você viu os espelhos?", tinha um negócio de espelhos, "Você viu?", enfim fiz uma inquisição violenta junto ao repórter. O repórter saiu e eu disse: "Não vou publicar isso não, sobretudo porque vem de um delegado que está querendo fazer média com o jornal", quando eu soube que era exclusivo, aí o editor de Polícia disse assim: "Isso é exclusivo nosso", e eu: "Exclusivo? Não vou publicar isso não", e não dei a matéria. O que ele fez? Chamou a televisão, chamou os jornais, chamou tudo, no dia seguinte todo mundo deu, agora não sei mais, e eu fiquei nisso, foi..., sei lá, um lampejo, uma intuição, depois ficou provado que foi o único jornal que não deu, tanto que depois o casal foi num programa da Hebe, e a Hebe disse assim: "Como que vocês se sentem sendo crucificados por toda a imprensa?" e o casal: "Toda não. O *Diário Popular* não publicou uma linha", eu assisti esse programa por acaso, eu não sou de assistir a Hebe, mas me disseram: "Olha, o casal de japoneses vai lá na Hebe", então ficou ..., não foi nada de ..., foi intuição.

Agora, Jordão, o que eram essas denúncias, o que os jornais estavam publicando?

Tudo que o delegado queria... que as crianças eram molestadas, que havia vidros, espelhos nos quartos, fizeram um carnaval na história, não houve nada disso, não

houve nada, quebraram a casa dos japoneses, bateram, eles foram presos e depois foram soltos, não houve nada disso, não aconteceu. Uma criança de dois anos dizendo..., a polícia chegava lá e perguntava: "Titio deu balas para você?", "Deu", "Davam balas para corromper as crianças". Por que a imprensa de vez em quando falha? Porque a fonte de informação da imprensa é que falha, ou por falta de ética, porque está querendo prejudicar o outro, então dá uma informação errada, é muito difícil saber aonde o erro é da imprensa ou aonde o erro é do informante da imprensa, é claro que a imprensa tem que estar de olho, para não embarcar em qualquer informação que receba, agora até onde pode se fazer isso, aqui nesse governo está cheio disso, cheio.

Jordão, houve algum tipo de pressão sobre você, como diretor do jornal *Diário Popular*, por essa decisão, única entre os órgãos da imprensa, de não publicar nada sobre o caso?

Houve e muito, a redação pesou em cima de mim, os demais diretores do jornal pesaram em cima de mim, o Quércia, que era o dono do jornal pesou em cima de mim, eu disse: "Não vou publicar", eu só dizia isso: "Não vou publicar", e eles: "Não vai dar uma resposta aos leitores?", "Não", dei a resposta quando ficou provado, o *Diário Popular* tinha razão, aí eu dei.

E o que dizia essa nota?

Que o *Diário Popular* não tinha publicado nada porque desde o início sabia que não era verdade, uma nota curta, curta, curta, uma nota de redação, curta, lá no meio, eu disse: "Ih, não vamos mexer com isso não". Agora, claro, a credibilidade do jornal aumentou muito, é evidente. Agora, pressão houve, houve, chegaram até a insinuar que eu estava levando dinheiro, "Está levando dinheiro".

Jordão, você acha que a imprensa aprende com esses episódios?

Não sei, isso aí eu não sei. [risos]

De lá para cá, como você vê o comportamento da imprensa?

Eu vejo um mau comportamento em uma série de coisas aí que depois não se comprovam, isso aí, não se comprovam. Não teve um cara lá no Estados Unidos, no *New York Times*, que escreveu vinte reportagens inexistentes, ia para o cinema, depois chegava e escrevia dizendo que esteve com fulano, fez entrevista com um cara que ele nunca entrevistou. Como que o editor vai saber disso? Não pode, aí é um pouco de sorte, sorte, intuição ou competência, sei lá, qualquer coisa.

Você destacaria alguma cobertura, algum outro momento marcante dessa sua trajetória no *Diário Popular*?

Não, eu já falei algumas coisas aí, por exemplo, o “PT de ontem e o PT de hoje” foi no *Diário Popular*. Assim, essas coisas, a mudança do chumbo para o *off-set* foi um negócio importante, porque você tinha um grupo de linotipistas que faziam em chumbo, tinha que demitir aquela turma toda, aí eu briguei lá dentro para não demitir, para dar alguma carência para os caras, esse negócio todo, “Mudou do chumbo, agora não precisa mais do chumbo joga tudo fora”, que isso porra? Não pode. Eu sempre tive essa preocupação, sempre tive essa preocupação com o emprego, eu cobrava, mas também quando era bom, era bom. Quando eu assumi a direção do *O Dia*, a primeira coisa que eu fiz foi aumentar os contínuos, porque o contínuo, leva esse copo d’água ali e ele pega esse copo d’água e joga na cabeça de alguém, o prejuízo é muito maior, então paga ele bem que ele vai levar o copo d’água ali direitinho, a primeira coisa que eu fiz no *O Dia* porque eu descobri que havia um número, a frota do *O Dia*, são coisas que você faz, quer dizer, a frota do *O Dia* que servia a redação era terceirizada, um dia eu pedi a tabela dos carros e comecei a olhar que havia em determinados momentos 12 carros e em outros havia quatro, desses 12 só quatro saíam, e dos quatro saíam oito, eu disse: “Está uma trapalhada isso aqui”, e descobri havia uma bandalheira ali dentro, carros que não entravam, que não cumpriam seus horários e cobravam, porque era terceirizado, depois mandavam a fatura, cooperativas de táxi, aí fiz uma limpeza ali e com esse dinheiro eu aumentei os contínuos, tinha 12 contínuos. Umas coisas assim no jornal. Uma vez fizeram lá uma reunião, no *O Dia*, e disseram: “Tem que cortar dez por cento. O prédio todo tem que ser cortado dez por cento”, todo fim de ano, todo jornal faz isso, você ouve lá, “Tem que cortar dez por cento”, aí eu fiz uma pergunta assim: “Tem que cortar no custo ou nos salários? Porque se eu tiver que cortar nos salários dez por cento aqui, vou ter que mandar uns trinta embora, não está na hora de mandar embora”, “Não, vamos cortar nos custos”. Aí eu fiz uma repaginação do jornal, cortei duas páginas de papel, fiz os cálculos de quanto são duas páginas de papel e não mandei ninguém embora, aí você tem que conhecer jornal, isso eu conheço de ponta a ponta.

Você diria que a *Última Hora* foi uma escola de jornalismo para você?

Foi. Eu comecei na *Última Hora*, eu aprendi tudo na *Última Hora*, o que eu sei hoje eu aprendi na *Última Hora*. Claro que eu fui também desenvolvendo, tem novas técnicas, novos equipamentos, mas a base, a base é uma só, é como quem anda de bicicleta, aprendeu a andar na infância, não cai mais, ninguém esquece a andar de bicicleta, é isso.

Quando você entra no jornal *O Dia*, no ano de 1992, já havia alguns anos desde que o Ary Carvalho tinha comprado o jornal do Chagas Freitas. Do momento da compra até a sua entrada quais foram as principais mudanças no jornal?

Ah, mudou muito... foi o primeiro jornal *Full Color*, que eles chamam de *Full Color*, todas as páginas podem fazer cor, todas as páginas do jornal, máquinas novas, era o Eucimar que estava dirigindo, uma mudança, foi um negócio fantástico, a modernização do *O Dia* custou caro, mas valeu a pena, rotativas novas, um parque industrial fantástico, que equivale ao *O Globo*, *O Globo* depois fez um maior, mas o parque industrial do *O Dia* hoje, ele tem a capacidade para imprimir um milhão de exemplares por dia, *O Globo* também, foi esse o cálculo, *O Dia* chegou a vender 900 mil, na época de uma mulher chamada Ruth de Aquino, ela era redatora-chefe, eu achava ela sensacional, depois ela brigou lá, aí que eu entrei no lugar dela. Um milhão de jornais hoje, ninguém vende isso, não há jornal no Brasil que venda um milhão de exemplares. Outro dia saiu uma relação com os 100 maiores jornais do mundo, o quarto ou o quinto, não me lembro, é um jornal esportivo do Japão, três milhões de exemplares por dia, esportivo, tipo o *Lance*, esportivo, o Brasil não tem nenhum jornal entre os 100 primeiros, não tem nenhum, o último, o centésimo dessa lista, vende 600 mil por dia, no Brasil não tem nenhum jornal que venda 600 mil jornais por dia, nenhum, aqui nós temos 480 jornais, no interior está cheio de jornal aí, mas não tem nenhum que chegue lá.

Jordão, puxando um pouco mais para uma avaliação final de como estão os jornais hoje, podemos dizer que a gente vive em um mundo que está marcado pela velocidade e também pelo excesso de informação, com o advento das novas tecnologias. Na sua opinião, os jornais impressos já entenderam qual o lugar deles nesse novo mundo?

Já, tanto que a grande maioria dos jornais, ou alguns jornais, ou quase todos os jornais disponibilizam na internet as suas matérias, e a grande discussão é se essa disponibilidade deve ser gratuita ou paga, algumas coisas são pagas, outras são gratuitas. Você hoje a meia noite em ponto, você acessa a primeira página do *O Globo* na internet, você acessa a primeira página do *O Dia* na internet, do dia seguinte, desde que, é claro, façam a primeira página às 11 horas da noite. Agora, nem todo mundo pode ficar na frente da internet o dia inteiro, o jornal eu acho que não vai morrer não. Quando a televisão surgiu: "Vai matar o rádio", o rádio hoje é uma potência, *O Dia* tem uma rádio, a *FM O Dia*, que tem 200, 260, é a primeira do Rio, 267 mil ouvintes por minuto, é o cálculo lá do *IBOPE* lá deles, é medido por

minuto, 267 mil ouvintes por minuto, 24 horas por dia, então não morreu por causa da televisão. Os jornais, quando a televisão apareceu: "Ih, os noticiários de televisão, os jornais...", não morreram, agora a internet: "Ih, internet", não morreu, tem espaço para tudo, os jornais estão cientes de que tem que tomar cuidado com a internet, não pode também abrir as pernas, senão a internet..., porque a internet é uma coisa muito irresponsável, o que tem de besteira na internet, o que tem de gente que escreve o que bem entende e soltando coisas, publicando inclusive artigos que não são escritos pelas pessoas com o nome das pessoas, não há controle, é uma faca de dois gumes isso aí, uma faca de dois gumes.

Como que você avalia essa iniciativa de resgatar a memória do jornalismo no Brasil?

Eu vou perguntar a você. Há interesse nisso?

E eu vou te perguntar também: não deveria haver? Quer dizer, você acha que...

Claro que deveria haver, deveria resgatar como se resgata a chegada de Dom João VI ao Brasil, como se resgata o Calvário de Cristo.

E para quê? Quando a gente resgata, é para quê?

No caso do jornalismo, seria para que seguissem algumas das boas coisas que foram feitas.